

clássicas

Editoras: Marcia Rangel Candido
e Verônica Toste Daflon

v.6, n.11, 2017 (IESP-UERJ)



ENSAIOS SOBRE A AMÉRICA LATINA

“As noivas de Satã”: misoginia e bruxaria no Brasil colonial

Por Carolina Rocha

O grito de independência das mulheres latino-americanas

Por Lília Macêdo

ENTREVISTAS

Bila Sorj

Socióloga e pioneira nos estudos de gênero no Brasil

Hebe Vessuri

Antropóloga e especialista em estudos sociais sobre a ciência na América Latina

RESENHAS E CRÍTICAS

“União Operária”, de Flora Tristán

Por Felipe da Silva Santos

“Calibã e a Bruxa”, de Silva Federici

Por Mariane Silva Reghim

AUTORAS CLÁSSICAS

Aleksandra Kollontai || Charlote Perkins Gilman || Clara Zetkin || Flora Tristán || Harriet Martineau || Harriet Taylor Mill || Mary Wollstonecraft || Nísia Floresta || Olympe de Gouges || Simone de Beauvoir || Sojourner Truth || Virgínia Woolf || e mais

TEXTOS POR

Anita Guerra || Lorena Marina dos Santos Miguel || Lolita Guerra || Luna Campos || Nicole Midori Korus || Teresa Soter || Vaneza de Azevedo

clássicas

editoras

Marcia Rangel Candido
Verônica Toste Daflon

assistente editorial

Mariane Silva Reghim

projeto gráfico

Ana Bolshaw

ilustração de capa

Sophia Pinheiro

autoras

Anita Guerra
Carolina Rocha Silva
Felipe da Silva Santos
Lília Maria Silva Macêdo
Lolita Guerra
Lorena Miguel
Luna Campos
Mariane Silva Reghim
Nicole Midori Korus
Teresa Soter Henriques
Vaneza de Azevedo

comitê editorial

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ)
Anna Carolin Venturini, IESP/UERJ
Felipe Munhoz de Albuquerque, IESP/
UERJ
Leonardo Nóbrega da Silva, IIESP/UERJ
Marcelo Borel, IESP/UERJ
Marcia Candido, IESP/UERJ
Marina Rute Pacheco, IESP/UERJ
Mariane Silva Reghim, IESP/UERJ
Natália Leão, IESP/UERJ
Raul Nunes de Oliveira, IESP/UERJ

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos

Dossiê especial "Clássicas", v.6, n.11, 2017.

ISSN 2238-3425

Instituto de Estudos Sociais e Políticos
(IESP)

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro (UERJ)

Rua da Matriz 82, Rio de Janeiro - RJ

Índice

apresentação

MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 6

entrevistas

BILA SORJ: SOCIOLOGA E PIONEIRA DOS ESTUDOS DE GÊNERO
NO BRASIL
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 8

HEBE VESSURI: ANTROPÓLOGA E ESPECIALISTA EM ESTUDOS
SOCIAIS SOBRE A CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 10

clássicas

HARRIET MARTINEAU: A CONTRIBUIÇÃO ESQUECIDA DA PRIMEIRA
SOCIOLOGA
LORENA MARINA DOS SANTOS MIGUEL _____ 16

ALGUMAS NOTAS DE PESQUISA SOBRE FLORA TRISTAN:
FEMINISMO, SOCIALISMO E VIAGENS
LUNA CAMPOS _____ 30

GÊNERO, RACIONALIDADE E ESCRITA EM "O PAPEL DE PAREDE
AMARELO", DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN
TERESA SOTER _____ 40

UMA BRASILEIRA ILUSTRE: NÍSIA FLORESTA E A LUTA POR LIBERDADE
E DIREITOS
VANEZA DE AZEVEDO _____ 52

artigos e ensaios

O QUE É UMA MULHER? VERSÕES E CONTRAVERSÕES DO
ESSENCIALISMO FEMININO
ANITA GUERRA _____ 58

"AS NOIVAS DE SATÃ": MISOGINIA E BRUXARIA NO BRASIL COLONIAL
CAROLINA ROCHA _____ 68

O GRITO DE INDEPENDÊNCIA DAS MULHERES LATINOAMERICANAS
LÍLIA MACÊDO _____ 80

"MÃE!" (2017) E O MITO DA MULHER ETERNA
LOLITA GUERRA _____ 90

RETOMANDO O DEBATE IGUALDADE VS. DIFERENÇA A PARTIR DE
AUTORAS CLÁSSICAS: UM ARGUMENTO INTERMEDIÁRIO
NICOLE MIDORI KORUS _____ 110

resenhas e críticas

"UNIÃO OPERÁRIA", DE FLORA TRISTÁN
FELIPE DA SILVA SANTOS _____ 124

"CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA",
DE SILVIA FEDERICI
MARIANE SILVA REGHIM _____ 130

Apresentação

Em 1883, nas primeiras linhas de seu ensaio clássico “A mulher como inventora” (Woman as an inventor), Matilda Joslyn Gage chamou atenção para como era comum a alegação que as mulheres não possuíam atributos intelectuais criativos e que não eram capazes de realizar contribuições originais e úteis à vida social. Ciente de que essa afirmação era usada para justificar a invisibilização e o não reconhecimento do trabalho intelectual e criativo das mulheres, Gage a confrontou com extrema perspicácia: além de resgatar grandes feitos femininos em campos como a ciência, a tecnologia, a literatura, as artes, mostrando que nada na constituição biológica das mulheres as tornava inferiores aos homens, ela também descreveu os fatores estruturais que faziam das mulheres uma parcela minoritária entre os inventores, artistas, cientistas etc de prestígio.

Para tal, mencionou aspectos como a legislação social, a subordinação feminina dentro da família e do casamento, a dificuldade de acesso à educação, entre outros. Passado pouco mais de um século da publicação desse texto, a necessidade de recuperar as reflexões e invenções das mulheres ainda persiste. Na escola, pouco se fala de cientistas e pensadoras do gênero feminino. É comum que estudantes de grandes áreas das ciências humanas concluam suas graduações, mestrados e doutorados sem

serem apresentadas(os) a nenhuma autora clássica.

Esta revista é resultado de um esforço coletivo profundamente identificado com a indignação que moveu Gage em 1883: retomar o passado, contestar o presente e modificar o futuro. No primeiro semestre do ano de 2017, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ) foi cenário de debates, apresentações e aprendizados na disciplina “Gênero na Teoria Social e Política Clássica”.

Nos debruçamos sobre o trabalho de autoras pouco estimadas em nossos círculos e a cada leitura nos surpreendemos com o seu pioneirismo, a engenhosidade das suas análises sobre conjunturas políticas e sociais, e sobretudo nos espantamos com a exclusão injustificável das suas contribuições do cânone da sociologia, filosofia, história, ciência política etc. Com o intuito de ir além dos limites das salas de aula e dar continuidade à difusão desses trabalhos, apresentamos nessas páginas artigos produzidos pelas(os) alunas(os) do curso, bem como colaborações de pesquisadoras convidadas. Esperamos que o contato com essas autoras clássicas provoque nas(os) leitoras(es) o mesmo prazer da descoberta e o deleite intelectual que tivemos ao estudar e

lecionar sobre elas. Agradecemos às muitas mãos que se uniram ao nosso esforço: as autoras e autores dos textos dessa coletânea, as entrevistadas, a artista Sophia Pinheiro, responsável pela ilustração que compõe a nossa capa e a designer Ana Bolshaw, idealizadora do projeto gráfico.

**Marcia Rangel Candido e
Verônica Toste Daflon**

Resenha do livro *União Operária*, de Flora Tristán. Proletariado, socialismo e feminismo na França do século XIX

Felipe da Silva Santos

“Flora Célestine Thérèse Tristán y Moscoso (1803-1844) é uma das mais fascinantes personagens da história do movimento operário. Precursora do socialismo, da igualdade entre os sexos e do internacionalismo proletário, ela semeou um impressionante conjunto de sementes subversivas durante sua vida (...)” (Varikas, 2016: 7)

Escrito em 1843, o livro “União Operária” foi possível graças àquilo que Flora Tristán chamaria de *união*: literalmente fruto de financiamento coletivo, que contou com doações de pessoas de distintas classes sociais. A elaboração de ideias como igualdade, direitos e autoemancipação marcavam um sentimento de sério incômodo com as realidades do trabalho e da mulher que a cercavam, e numa tentativa incessante de demonstrar os problemas e as desvantagens desse modo de organização social, Tristán descreve os aspectos da vivência de operários como miseráveis e de mulheres como “servas” num contexto que os desfavorecia completamente.

Nascida na França em 1803, Tristán foi filha de uma pequena burguesa e de um peruano oriundo da aristocracia. Não obteve êxito ao tentar ser reconhecida pela família de seu pai no Peru, e retornou com o título de *pária*, uma alusão àqueles considerados

filhos “ilegítimos” ou sem direitos. Sua identificação com a causa operária teve nada mais nada menos que uma origem prática, pois ela mesma trabalhou como operária na indústria têxtil e visitou Londres acessando as condições em que os trabalhadores se encontravam. Antes mesmo de Marx e Engels, Flora falava da *autoemancipação* operária no início do século XIX, somando à ideia de *união* que, diferente do que antes se pensava, não deveria excluir as mulheres. Como se não bastassem as difíceis condições nas quais as mulheres também estavam incluídas como operárias, a posição feminina de exclusão e “obrigações matrimoniais” as deixava num lugar subalterno no espaço público. As questões *proletária* e *feminina*, separadas conceitualmente, se encontram necessariamente unidas na obra de Flora Tristán. Fica evidente sua posição simbiótica, na medida em que só a emancipação proletária masculina não seria suficiente para, como ela descrevia, o “bem-estar geral”, e a exclusão feminina desse processo tornaria os resultados menos favoráveis a todos – incluindo claro, os homens. (Tristán, 2016)

Sobre a classe operária

“Ouçam! – Há 25 anos os homens mais inteligentes e mais devotados consagraram sua vida à defesa de sua santa causa; eles, por meio de escritos, discursos, relatórios, memórias, pesquisas, estatísticas, assinalaram, constataram e demonstraram ao governo e aos ricos que a classe operária está, no estado atual das coisas, material e moralmente em situação de intolerável miséria e dor” (Tristán, 2016: 65).

“(…) fala-se muito dos operários, mas ninguém ainda tentou falar aos operários”, disse Flora Tristán (2016: 72). Creio que não seja necessário alongar a discussão em torno da condição proletária de trabalho na Europa dos séculos XVIII e XIX, pois são praticamente unânimes o(a)s autore(a)s que sobre ela escreveram. Palavras como miséria, ignorância, sofrimento e trabalho excessivo podem resumir a visão de Flora (como também de outros, como Marx, por exemplo) quando se remetia à causa na França e dizia, em tom firme, que somente a própria classe operária poderia mudar os rumos que as coisas seguiam: *autoemancipação*. O número de operário(a)s, como sempre, era muito superior ao de proprietários, e a união se fazia necessária para que eles se constituíssem e mantivessem sua posição na

luta por melhorias nos quadros de trabalho e de vida. A falta desta união dispersava e barrava as possibilidades de transformação das condições de penúria da classe operária.

Como constituir uma união operária de modo eficiente para combater os desafios que estão diante do(a)s trabalhadore(a)s? Falando de dinheiro, oito milhões de operários contribuindo teriam um montante de recursos satisfatório para formar uma associação. Tristán postulava que reivindicar o *direito ao trabalho* e a *organização do trabalho* eram ações possíveis aos operários, desde que fosse eliminada a dispersão e o isolamento existentes entre eles. A formação de comitês locais seria o primeiro passo para uma representação de todos os membros do operariado e, após isso, uma representação a nível estatal, um “defensor” dentro de um comitê central, aquilo que outras forças unidas já continham e que auxiliaria dando peso às reivindicações necessárias e reforçando a posição proletária solidamente dentro da nação.

A interpretação do que é ser “operário”, na visão da autora, deveria estabelecer o simples critério de entendê-lo como alguém que utiliza as mãos como meio de trabalho e sobrevivência, mesmo que não fossem empregados das indústrias. O *trabalho manual* só se distanciaria de algo visto como inferior

e desonroso quando a união operária se solidificasse e instruisse a todos dentro de uma lógica diferente, reconhecendo sua importância e estendendo-o aos ricos; “Todos trabalharão e só por isto a abundância reinará para todos. Não haverá mais miséria; tendo acabado a miséria, a ignorância também acabará. O que é então que produz o mal que sofremos hoje? Nada mais do que este monstro de mil cabeças, o EGOÍSMO! Mas o egoísmo não é a primeira causa, a miséria e a ignorância é que produzem o egoísmo” (Tristán: 166,167)

Sobre as mulheres

“Até o momento a mulher não contou para nada nas sociedades humanas – Do que isto resulta? Que o padre, o legislador, o filósofo a trataram como uma verdadeira pária. A mulher (é a metade da humanidade) foi colocada fora da Igreja, fora da lei, fora da sociedade. Para ela nada de representação frente à lei, nada de funções no Estado. O padre lhe disse: – “Mulher, tu és a tentação, o pecado, o mal; representas a carne – isto é, a corrupção, a podridão” (Tristán, 2016: 110,111)

A condição feminina na sociedade europeia era mais um retrato da constante inferioridade na qual estavam submetidas as mulheres ao longo da história: em aspectos sociais, econômicos, morais, e até jurídicos. Os supostos “defeitos”, ou características pessoais negativas atribuídas ao sexo feminino eram disseminados e naturalizados na sociedade - e como disse Tristan, sensibilizava as massas. A realidade mostrava um déficit de contribuição social feminina - não por culpa das mulheres, claro - e isso trazia resultados negativos para *todos e todas*, na medida em que “educá-las” para servir ao homem e a casa as transformava em pessoas “não-úteis”, e isso resultava em prejuízos principalmente para aqueles que diretamente delas dependiam: as famílias.

A vida familiar estava mudando ao longo da história, como apontou Alexandra Kollontai em seu texto “Comunismo e Família” (Kollontai, 1920). As relações capitalistas modificaram as relações sociais a partir do momento em que a mulher ingressou no trabalho operário, e isto não amenizou os clássicos afazeres domésticos que lhes eram impostos, fazendo a figura da “mãe de família” se desdobrar sobre a rotina de cuidar da casa e dos filhos, após uma jornada diária de trabalho.

“Na vida dos operários a mulher é tudo. – Ela é a única providência – Se ela lhe falta, lhe falta tudo. Assim dizem: é a mulher que faz ou desfaz uma casa” (Tristan: 116). Como poderia educar e trabalhar bem o desenvolvimento de seus filhos, cuidar do matrimônio e contribuir para um bem-estar no lar se dela retira-se todos os direitos e oportunidades? A mulher operária era submetida a uma cobrança, uma tarefa materna que nem ela própria teve condições de aprender ou receber quando criança, impondo-se uma expectativa de comportamento padrão que deveria ser seguido. As relações familiares num lar proletário desembocavam então em precariedade: a condição servil da mulher, o alcoolismo do marido, agressões físicas, tudo isso criando um clima nada favorável aos filhos que, por sua vez, arrumavam “más companhias” e se submetiam a condições até mesmo criminosas. *“Repito, a mulher é tudo na vida de um operário: como mãe tem influência sobre ele durante a infância; (...) Como amante ela tem influência sobre ele durante toda a juventude (...); Como esposa, tem influência sobre ele por três quartos de sua vida. – E por fim, como filha tem influência sobre ele durante a velhice”* (Idem: 121,122).

Ao explicar a necessidade de direitos para as mulheres, Tristán aponta que elas, na qualidade de instrutoras das crianças, devem antes de tudo ser instruídas. Esta ausência de

direitos é para ela a causa de todos os males do mundo: o reconhecimento da igualdade de direitos, por si só, já acabaria com as relações assimétricas entre mulheres e homens, bem como com o desrespeito. Diferentemente dos ricos, que têm professoras, governantas, e todo aparato necessário à boa educação e ao conhecimento, os proletários têm somente a figura da *mãe* para tal: *“(...) a lei que submete a mulher e a priva de instrução oprime a vocês, homens proletários”* (Ibidem: 127).

O pioneirismo das ideias de Tristan é identificado na geração que a procede: anos depois, Clara Zetkin, outra importante representante do feminismo socialista, salienta a necessária participação das mulheres para a transformação sistêmica da sociedade (Zetkin, 1896).

Considerações Finais

- “1. CONSTITUIR A CLASSE OPERÁRIA por meio de uma UNIÃO compacta, sólida e indissolúvel. 2. Fazer com que a classe operária seja representada frente à nação (...) 3. Fazer com que seja reconhecida a legitimidade da propriedade dos braços. (...) 4. Fazer com que seja reconhecida a

legitimidade do direito ao trabalho para todos e todas. 5. Fazer com que seja reconhecida a legitimidade do direito à instrução moral, intelectual, profissional para todos e todas. 6. Examinar a possibilidade de organizar o trabalho na sociedade atual. 7. Construir (...) PALÁCIOS DA UNIÃO OPERÁRIA onde os filhos da classe operária serão instruídos intelectual e profissionalmente – e onde serão admitidos operários e operárias acidentados no trabalho bem como os doentes ou idosos. 8. Reconhecer a necessidade urgente de conferir às mulheres do povo uma educação moral, intelectual e profissional de modo que elas se tornem agentes moralizadores dos homens do povo. 9. Reconhecer por princípio a igualdade de direito entre o homem e a mulher como sendo o único meio de constituir a UNIDADE HUMANA” (Tristán, 2016: 169,170)

Um conselho de Tristán é lançado aos proletários e aos burgueses, numa espécie de pedido e alerta pela tomada de consciência que não só transformaria a vida destes primeiros mas sim a de todos, a um nível universal. Instrução e união, para os proletários, era essencial para se afastar da miséria e caminhar para um novo rumo, investindo principalmente em livros para

buscar o conhecimento – de preferência livros que relatavam as condições operárias ao redor do mundo. “Milagres” seriam possíveis se estivessem unidos: “Unam-se e então vocês serão ricos” (Tristán: 173). Aos burgueses a crítica se dava em torno do forte sentimento individualista e egoísta que não os permitia se integrar na discussão em torno dos direitos necessários à maioria do povo; estes eram os chamados burgueses *surdos, cegos e aleijados*, uma metáfora para indicar sua forte passividade na sociedade. Existiam, porém, os burgueses *visionários*, uma categoria emergida das classes baixas na qual a própria Tristán se encontrava e que fundamentalmente se vale de uma importante simpatia e preocupação com a justiça e bem-estar para todos.

“Quero que saibam que não sou uma revolucionária, uma anarquista, uma sanguinária” (Tristán: 177). Assim se posicionava a autora se antecipando às críticas que certamente receberia por conta dos “pré-conceitos” e estereótipos dados ao seu comportamento político-social. Totalmente contra o uso da força, ela acreditava numa conquista de direitos a partir de reivindicações políticas na *câmara*, e não por meio de revoluções: estas só provocavam desordem, terror e desestabilizavam os países, indo no caminho contrário à liberdade e atingindo sempre o lado mais fraco (social e economicamente) da sociedade, que era o

povo. Ele pagaria e sofreria pelos danos.

Como indicação última, ficava o alerta às consequências perigosas de não instruir e incluir o povo em um sistema de direitos: milhões de operários sem condições sustentáveis de vida, garantias de direito e trabalho se revoltariam brutalmente contra à sociedade, gerando desordem social e conflitos odiosos com aqueles que os menosprezam. Tristan chamava atenção ao fato de que a paz e a liberdade deveriam ser para todos e todas, caso contrário, a violência era o caminho resultante.

Referências bibliográficas

TRISTAN, Flora. (2016) *União Operária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo

KOLLONTAI, Alexandra. (1920). Comunismo e a Família. Carlos Henrique (trad.) Barcelona: Editorial Marxista. P.1-17. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1920/mes/com_fam.htm

ZETKIN, Clara. (1896). Apenas Junto com as Mulheres Proletárias o Socialismo Será Vitorioso. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1896/10/16.htm>

Felipe da Silva Santos é graduando em Ciências Sociais no IFCS-UFRJ e membro do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (NECVU).
contato: silvasantofelipe@outlook.com.br

AS EDITORAS:**Marcia Rangel Candido**

Doutoranda em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-Uerj), pesquisadora associada do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) e do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP).

contato: marciarangelcandido@gmail.com

Veronica Toste Daflon

Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj) e mestre em Sociologia pelo IUPERJ. É bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA, IFCS-UFRJ). Atua como pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (NESEG, IFCS-UFRJ) e do Global Race Project

contato: veronicatoste@gmail.com

ASSISTENTE EDITORIAL:**Mariane Silva Reghim**

Doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL). contato: marianesreghim@gmail.com

ARTISTAS GRÁFICAS:**Ana Bolshaw**

Mestranda em Design na PUC-Rio, em que pesquisa identidade visual de cidades. É graduada em Comunicação Social com habilitação em Cinema na mesma instituição.

contato: anabolshaw@gmail.com

www.anabolshaw.com

Sophia Pinheiro

Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). É graduada em Artes Visuais e bacharel em Design Gráfico pela mesma universidade. Atua como pensadora visual, interessada nas poéticas e políticas visuais, gênero, processos de criação, na antropologia e/da arte, culturas e representações das imagens.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3686998218403865>

**sobre a capa:**

Para essa primeira publicação, o conceito da capa para Clássicas foi o de desabrochar uma semente, assim como o livro é.

Uma semente que vai germinar e florir para xs leitorxs e também para as futuras edições da coleção com mais mulheres teóricas.

Assim como nos ensina Cora Coralina: “eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”.

As mulheres que estão aqui rompem as sementes. Que as ideias cresçam e floresçam nesse mundo cada vez mais temeroso.

acompanhe no youtube o **Sobre Elas** (www.youtube.com/sobreelas), dirigido por Emy Lobo, o canal veicula inúmeras entrevistas com mulheres, além de apresentar uma série de curtas com pesquisadoras sobre autoras clássicas.

